

SALES, Valéria Fernanda Sousa. **Espetacularidades na Iluminação de finados em Curuçá-PA**. Belém: UFPA. PPGARTES/ICA/UFPA; Doutorado; Miguel Santa Brígida. Atriz e encenadora.

RESUMO: O presente artigo versará sobre a investigação das espetacularidades na Iluminação de finados (02 de novembro, Dia de Finados) no cemitério São Bonifácio em Curuçá-PA. Local este que recebe visitantes o dia todo, sendo o seu maior fluxo à noite. Na frente do cemitério há venda de comidas, bebidas, brinquedos, flores, velas... Dentro do cemitério famílias reunidas ao redor de túmulos, acendendo velas, colocando flores, consumindo bebidas alcoólicas, "conversando com os finados", reencontrando amigos e parentes. Investigação esta na qual utilizo a lente da Etnocologia em uma relação circular de trajeto-projeto-fenômeno-afeto no meu projeto de doutoramento em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA), sob orientação do Prof. Dr. Miguel Santa Brígida.

PALAVRAS-CHAVE: Etnocologia, Iluminação de finados, Espetacularidades.

RESUMEN: El presente artículo versará sobre la investigación de las espectacularidades en la Iluminación de finados (02 de noviembre, Día de Finados) en el cementerio São Bonifacio en Curuçá-PA. Lugar que recibe a visitantes todo el día, siendo su mayor flujo por la noche. En el frente del cementerio hay venta de comidas, bebidas, juguetes, flores, velas... Dentro del cementerio familias reunidas alrededor de tumbas, encendiendo velas, colocando flores, consumiendo bebidas alcohólicas, "conversando con los finados", reencontrando amigos y parientes. La investigación en la que utilizo la lente de la Etnocología en una relación circular de trayecto-proyecto-fenómeno-afecto en mi proyecto de doctorado en Artes (PPGARTES/ICA/UFPA), bajo orientación del Prof. Dr. Miguel Santa Brígida.

PALABRAS-CLAVE: Etnocología, Iluminación de finados, Espectacularidades.

O dia de Iluminar os finados em Curuçá é o dois de novembro. Dia de visitar os túmulos de familiares que estão no cemitério São Bonifácio. Lembranças cheias de afeto por aqueles que já mudaram da condição de vivo para morto. Um dia para ir ao cemitério principalmente à noite visitar os mortos e rever os vivos em encontros para se falar das relações que se fazem na vida ou naquele espaço de convivência, o Campo Santo, que se entende como um lugar em que todos são iguais, onde toda superioridade se acaba.

A Iluminação de 2017 é o meu retorno ao campo de pesquisa sobre as espetacularidades que envolvem o comportamento do curuçaense diante da morte. Entre os anos de 2012 e 2014 o meu olhar de artista-pesquisadora-participante foi para o espetacular cortejo fúnebre do frete na Povoação São João do Abade, Curuçá-PA (SALES, 2014). Neste estudo verificamos os corpos espetaculares do

frete: *corpos-frete, equipe-frete, corpo-fretado, frete e Dona do frete*, um olhar etnocenológico para a povoação que afirma que lá não tem cemitério, porque é um lugar para viver, não para morrer. Com o meu retorno ao campo de pesquisa em 2017, no doutorado em Artes, escrevo aqui meus primeiros momentos da pesquisa sobre as espetacularidades na Iluminação de finados em Curuçá.

Para a Iluminação de finados, Curuçá se prepara com dez meses de antecedência plantando a mandiocaba (mandioca doce), que é a base para a bebida típica deste período e vendida somente de 30 de outubro a 02 de novembro. A mandiocaba é plantada, colhida, lavada, ralada, retirado o sumo que depois é fervido, frio e servido em uma cuia com macaxeira cozida ou arroz cozido. A manicuera é uma bebida apreciada por curuçenses que esperam o ano todo para degustá-la no Bosque da Igualdade que fica em frente ao cemitério São Bonifácio. Uma bebida sagrada, em um lugar sagrado para lembranças de familiares e amigos.

O Campo Santo é preparado para a visitação. Os parentes dos finados mandam construir, limpar e/ou pintar os túmulos a partir do final do mês de setembro, momento que começam a chegar os primeiros *biscateiros* para trabalhar. Serviços são encomendados no/e para o cemitério, homens, mulheres e crianças convivem no Campo Santo em um período de grande incidência de sol e calor. Quanto mais vai se aproximando a Iluminação, mais biscateiros aparecem para trabalhar e vários são seus instrumentos: enxada, colher de pedreiro, tábuas, pincel, tinta, cimento... Serviços que variam de R\$10,00 a R\$1.500,00 de acordo com a construção e consertos encomendados.

O serviço de biscateiro não é visto somente como uma maneira de ganhar dinheiro, é também uma forma de manter o espaço do cemitério limpo e bonito para o dia da Iluminação. Há biscateiros que já trabalham há mais de trinta anos no cemitério e que são contratados todos os anos pelas mesmas famílias para realizar serviços. Há aqueles que constroem cruzeiros e outros elementos que ficam expostos para compra. O biscateiro é uma figura conhecida e reconhecida pela sua vestimenta, instrumentos de trabalho e ações cotidianas em um espaço específico de ação, o cemitério. Poderíamos classificá-lo como um papel social (BIÃO, 2009),

*adverbialmente espetacular*, dentro das Formas Cotidianas de Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados (PCHEO).

Figura 1: Biscateiro escrevendo as informações na cruz do túmulo.



Fonte: Pesquisa de campo, arquivo da autora, 2017.

Além de olhar para este papel social, o biscateiro (ver Figura 1), há também a nomenclatura dada pelos próprios trabalhadores, sendo assim o olhar com a lente etnocenológica para quem vive e faz, chama aquilo que faz e vive (BIÃO, 2007). Também há outros termos como as *grinaldas* (coroas de flores artificiais) que são confeccionadas dois meses antes para poder suprir a procura por este elemento tão característico em enfeitar os túmulos na Iluminação. A vendedora de grinaldas trabalha durante todo o ano aprendendo novas técnicas para aprimorar seu trabalho e oferecer grinaldas com cores e flores diferenciadas.

O ato de iluminar é visto como algo da tradição familiar em que ao iluminar os túmulos, os mortos encontrarão o caminho para eternidade. A visita ao cemitério São Bonifácio acontece durante o dia todo. Pela manhã os familiares que moram em municípios próximos como Castanhal (60 km) e Marapanim (32 km) iluminam durante o dia e aqueles que moram no Município ou que se programam para ficar em Curuçá, iluminam à noite, que é o momento de maior fluxo de visitantes e vendedores. Com o cemitério lotado, às vezes fica até difícil de transitar ou de

comprar algo na frente do São Bonifácio que fica iluminado pelas velas e cheio de afetos pelos reencontros de familiares e amigos.

Logo pela manhã do dia dois de novembro os vendedores começam a chegar para assumir seus lugares demarcados anteriormente. São vendedoras de manicuera, doces, bolos, lanches, frutas, grinaldas, chopp de frutas, sucos, velas, caixas de fósforo, guaraná da Amazônia... Trabalhadores da prefeitura municipal chegam para verificar se está tudo organizado em seus lugares, verificam se os serviços de limpeza e pintura do cemitério estão prontos. Servidores da Secretaria Municipal de Cultura arrumam seus equipamentos de som e imagem para as apresentações da Banda Lauro Sodré e de pesquisas sobre a temática da Iluminação. São momentos de um dia de homenagem aos mortos no cemitério e no Bosque da Igualdade. Dentro do cemitério famílias acendem velas, enfeitam os túmulos com grinaldas, rezam e conversam com parentes que estão iluminando também.

No final da tarde o movimento no cemitério vai crescendo com a chegada de mais vendedores de batata frita, salgados, bijuterias, algodão doce, balões, pipoca... Arma-se o pula-pula, os adventistas chegam com suas mensagens e livretos sobre a vida eterna, o local é fechado para o trânsito de veículo, a noite chega e com ela os ônibus cheios com pessoas de localidades próximas como Abade e Curuperé que não tem cemitério. O São Bonifácio começa a ficar todo iluminado pelas velas e enfeitado de flores. Às 19h o trânsito dentro do cemitério já está mais lento pela quantidade de pessoas, sendo um espaço de muitas imagens, sensações e comportamentos espetaculares em homenagear seus entes queridos.

Figura 2: O cemitério São Bonifácio na Iluminação 2017.



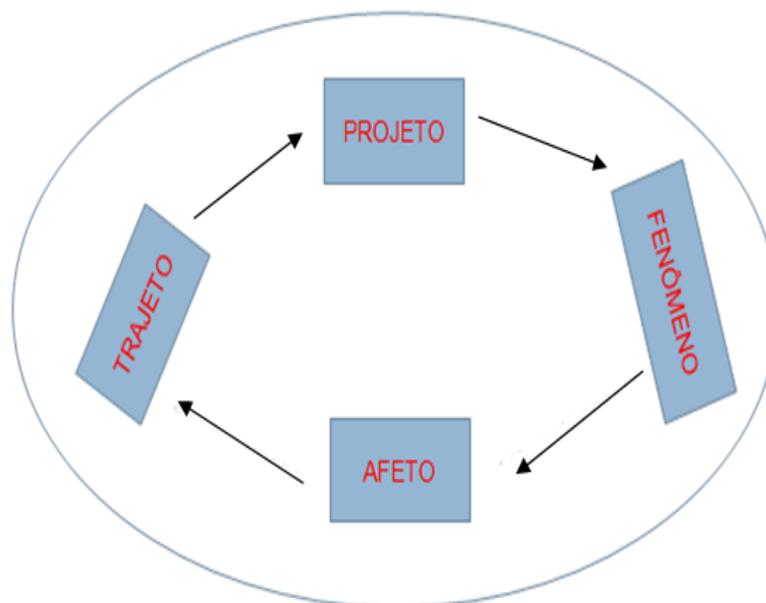
Fonte: Pesquisa de campo. Imagem aérea de Silva Drone, arquivo da autora, 2017.

São cheiros de velas queimando, flores naturais, manicuera, maniçoba no fogo, batata fritando, banda de música tocando músicas religiosas cristãs, crianças se divertindo no pula-pula, pessoas rindo, se abraçando, conversando, comendo melancia, comprando velas, caixas de palito de fósforo, vendedores gritando, vendedores oferecendo bijuterias, pessoas fotografando, evangélicos oferecendo livros sobre a finitude, a artista-pesquisadora-participante ouvindo, vendo e registrando os comportamentos espetaculares, bebês chorando, amigos bebendo, idosos sentados ao lado de túmulos contando histórias, pessoas pisando nos túmulos e pedindo desculpas ao morto, gente perdida procurando o túmulo que “sumiu de suas vistas”, velas sendo acesas no cruzeiro para os falecidos enterrados em outros cemitérios, fotos, flashes, selfies, drone... Um turbilhão de imagens e sensações.

Depois de todo o movimento do início da noite, às 22h, o corpo se acalma e consegue visualizar as ações acontecidas diante de um olhar que envolve a artista-pesquisadora-participante em um movimento circular do trajeto-projeto-fenômeno-afeto de um momento singular de homenagem aos mortos em Curuçá, não somente como dia de finados, mas como eles mesmos dizem “festa de finados”. Meio inebriada, tento organizar as imagens registradas em fotografias, filmagens,

conversas, memória visual e afetiva. Aliada a perguntas de curiosos sobre a minha presença no cemitério como a pesquisadora desta temática e também o reencontro com pessoas conhecidas que estão nos estudos sobre o cortejo fúnebre do frete em Abade.

Figura 3: Movimento Circular Etnocenológico.



Fonte: Imagem da autora, 2017.

O Movimento Circular Etnocenológico é o caminho trilhado por mim para olhar as relações em que se inserem a artista-pesquisadora-participante, o projeto de pesquisa, a Iluminação e todo o afeto deste movimento que circula na alteridade entre todos que participam deste momento. Um movimento que me coloca na Iluminação como filha de curuçaense que ilumina os finados desde a infância, já que cresci entre leituras sobre a temática fúnebre na literatura, aliado à minha trajetória no ensino superior (graduação, mestrado, doutorado) e no teatro, também voltados para a temática da morte. Uma relação afetada pelos encontros e reencontros em que a pesquisadora e o frete não são mais os mesmos de quando se iniciou a pesquisa.

Como coloca Miguel Santa Brígida (2015, p. 23): “Afeto enquanto amalgama da energia do corpo pesquisante em movimento com o objeto e fenômeno de pesquisa, seus sujeitos, seu contexto e suas relações humanas”. Relações que se constroem na vida, nos encontros e reencontros, na escuta do outro e de si na alteridade. A minha pesquisa sobre a Iluminação de finados já se inicia com um

convite para uma participação na programação da Secretaria Municipal de Cultura de Curuçá apresentando a pesquisa sobre o frete na frente do cemitério São Bonifácio, momento em que me ouvi falando “nossa relação com a morte”, já me sentindo curuçaense. São afetos, modos e maneiras de se relacionar com o fenômeno e suas reverberações no campo de pesquisa.

Um olhar voltado para a artista-pesquisadora-participante no ato da pesquisa em que fui abordada por pessoas que me disseram estar ali com a família toda e que levaram as crianças para passear no cemitério, sendo esta uma tradição que se fez em muitas gerações de curuçaenses. Além de perceber as fotos na frente do cemitério como o registro de participação em um grande evento. Mulheres que se enfeitaram, arrumam-se para o olhar, em uma consciência clara do olhar do outro, na Espetacularidade, foram para o cemitério com roupas, sapatos e acessórios novos para visitar os mortos e encontrar os vivos que estavam no São Bonifácio. Um desfile de cores, velas, flores e pessoas em estilos diferentes.

Figura 4: Jovens presentes na Iluminação em Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, imagem da autora, 2017.

Durante a noite é muito intensa a presença de jovens no cemitério que passa a ser o local de encontro neste dia da Iluminação. Momento de conversa, descontração, bebidas, comidas, namoro, iluminar os mortos e evento da cidade em que todos estão no mesmo espaço. Amigos reencontram amigos vivos visitando os mortos, são jovens em túmulos de jovens que se encontram para lembrar, rir e chorar a perda de uma amizade que se foi tão rápido. São conversas em meio a

abraços, bebidas alcoólicas, velas, flores e saudade. Na frente do cemitério é o ponto de encontro e local para degustar a manicuera, bem apreciada neste momento de tradição. Pessoas que desde a infância frequentam aquele lugar tão importante para o ciclo da vida curuçaense que é o São Bonifácio.

Os jovens também estão presentes na Banda de Música Lauro Sodré, que este ano tocou em frente ao cemitério fazendo uma referência às bandas que tocavam dentro do cemitério, a pedido de famílias que encomendavam seus serviços. Este ano a prefeitura se organizou para que a Iluminação tivesse um fluxo tranquilo para quem foi homenagear, reencontrar amigos e passear na Iluminação. O Bosque da Igualdade é o espaço reservado para o Festival do Folclore que acontece no segundo final de semana do mês de julho, também é o local para as vendas de diversos elementos da Iluminação, que teve seu ambiente organizado pela prefeitura, onde os vendedores de manicuera e comidas utilizaram o barracão que durante o folclore é conhecido como Barracão do Carimbó.

Nestes primeiros momentos, no campo de pesquisa da Iluminação de Finados em Curuçá-PA, podemos verificar espetacularidades que envolvem desde o início da preparação até à noite da tradição curuçaense em iluminar os túmulos de seus familiares no cemitério São Bonifácio. São ofícios que se exercem no cemitério como os dos biscateiros, a manicuera como bebida típica deste período, a organização do espaço para o dia da visitação ao cemitério, os comportamentos espetaculares e as relações de afeto antes, durante e após o fenômeno. Foi a primeira Iluminação durante o doutoramento que já me chegou com um turbilhão de imagens e sensações que aos poucos irei registrando em um movimento etnocenológico onde todas as imagens se misturam de forma circular com a alteridade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma cenologia geral. In: \_\_\_\_\_. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A Gráfica e Editora, 2009. p. 89-94.

\_\_\_\_\_. Um léxico para a Etnocenologia: proposta preliminar. In: \_\_\_\_\_ (Org.). V Colóquio de Etnocenologia. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. **Anais**. Salvador: Fast design, 2007. p 43-48.

SALES, Valéria Fernanda Sousa. **Lágrimas e cachaça**: a espetacularidade do cortejo fúnebre do frete em São João do Abade, Curuçá-PA. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2014.

SANTA BRIGIDA, Miguel. A Etnocenologia na Amazônia: Trajetos-Projetos-Objetos-Afetos. **Repertório**: teatro & dança. Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro. Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Ano 18, n. 25, p. 13-23, 2015.2. Salvador: UFBA/PPGAC.